

# FERNANDO PESSOA: PROCESSO HETERONÍMICO E A FILOSOFIA DE ALBERTO CAEIRO

MARÍLIA GOMES GHIZZI GODOY\*  
VITOR HENRIQUE DOS SANTOS MARIA\*\*

## RESUMO

Neste artigo, apresentamos a relação de Fernando Pessoa com a Literatura, o processo heteronímico de Pessoa e a filosofia de Alberto Caeiro. Neste estudo, temos, como hipótese, a filosofia de Alberto Caeiro enquanto heterônimo e personalidade poética conhecido por “mestre ingênuo”. Temos três objetivos, a saber: (i) verificar a importância de Fernando Pessoa e Alberto Caeiro no âmbito literário; (ii) descrever os conceitos implementados na filosofia de Caeiro e (iii) discutir analiticamente seus conceitos baseados em suas obras. O *corpus* selecionado para este estudo, na área de literatura, foram trechos de obras assinadas por Alberto Caeiro. O que justifica essa escolha é o fato de Fernando Pessoa ter criado diversas personalidades poéticas e Alberto Caeiro ter se destacado dentre os outros heterônimos. O arcabouço teórico que sustenta este trabalho são os estudos sobre Fernando Pessoa dos seguintes autores: Gomes (1987), Pais (2012) e Gomes; Guaranha (2019), sobre Álvaro de Campos, de Moisés (2007) e os estudos de Literatura e Heteronímia de Aguiar C. e Aguiar T. (2017). A metodologia utilizada é teórica e analítica. Os re-

---

\* Doutora em Psicologia Social (PUC-SP), professora do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro (UNISA). E-mail: mgggodoy@yahoo.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5747-2354>

\*\* Mestrando, Graduado em Letras (UNISA). E-mail: vitorhenrique3z@estudante.unisa.br , Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9191-8102>

sultados alcançados confirmam que Fernando Pessoa tinha uma relação extremamente próxima com a Literatura e criou, de forma espontânea, uma personalidade poética com filosofia própria. Dessa forma, evidenciamos que Alberto Caeiro possui uma vasta linha de pensamento em suas obras, abordando sobre os mais diversos assuntos, sendo possível extrair conceitos de essência filosófica e literária, explicando o motivo de ser conhecido como “mestre ingênuo”.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Alberto Caeiro; Literatura.

### ABSTRACT

In this paper, we present Fernando Pessoa's relationship with Literature, Pessoa's heteronymic process and Alberto Caeiro's philosophy. In this study, we have, as hypothesis, the philosophy of Alberto Caeiro as a heteronym and poetic personality known as “naïve master”. We have three objectives, namely: (i) to verify the importance of Fernando Pessoa and Alberto Caeiro in the literary sphere; (ii) to describe the concepts implemented in Caeiro's philosophy and (iii) to discuss analytically his concepts based on his works. The corpus selected for this study, in the area of literature, were excerpts from works signed by Alberto Caeiro. What justifies this choice is the fact that Fernando Pessoa created several poetic personalities and Alberto Caeiro stood out among the other heteronyms. The theoretical framework that supports this work are the studies on Fernando Pessoa by the following authors: Gomes (1987), Pais (2012) and Gomes & Guaranha (2019), on Álvaro de Campos, by Moisés (2007) and the studies on Literature and Heteronymy by Aguiar C. and Aguiar T. (2017). The methodology used is theoretical and analytical. The results achieved confirm that Fernando Pessoa had an extremely close relationship with Literature and spontaneously created a poetic personality with his own philosophy. This way, we can see that Alberto Caeiro has a vast line of thought in his works, addressing the most diverse issues, being possible to extract concepts of

philosophical and literary essence, explaining why he is known as “naïve master”.

**Keywords:** Fernando Pessoa; Alberto Caeiro; Literature.

## INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa e sua contribuição para a Literatura fez Portugal e o movimento modernista destacar-se por todo o mundo, mesmo que Pessoa não tenha recebido o devido reconhecimento ainda em vida. Sua criação de obras como ortônimo e a criação de heterônimos para produzir outras diversas obras demonstram o tamanho de seu enorme poder imaginativo, considerando que não houve nenhum planejamento ou roteiro imaginativo prévio para criar qualquer um de seus três heterônimos mais famosos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Esses três autores fictícios retratam uma “personalidade” literária distinta do Pessoa ortônimo. Além disso, Pessoa ainda fundou uma editora, uma revista e colaborou para diversos outros projetos literários da época, que o distinguem pela sua grande capacidade de unidade e de diversidade no universo cultural da época.

Como sua vasta criação aponta para uma infinidade de possibilidades e caminhos a serem traçados, o foco da análise neste estudo será um heterônimo em específico, o poeta Alberto Caeiro e sua filosofia como uma expressão de uma nova “verdade”, uma representação do pensamento e do sentimento derivados de si mesmo. Procura-se sintetizar suas ideias e seus ensinamentos voltados para o mundo exterior que é em si mesmo como é, os seus sentidos de realidade se mostram visíveis sendo a existência em si mesmo. Tendo como foco um dos heterônimos de Pessoa, reflete-se também, de forma breve, a relação de Pessoa com a Literatura durante sua vida e o processo de criação dos três heterônimos mais famosos, descartando os heterônimos “menores”.

O processo de criação de Fernando Pessoa (1888-1935), centralizado na construção heteronímica que se destaca nas fi-

guras Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos, introduz um sentido de modernidade que projetando-se na história da literatura portuguesa. As expressões dinâmicas da história cultural originam-se mediante uma dialética entre o real e o irreal onde é assinada a consciência como um objeto em si mesmo, que “é essencialmente o Sujeito Puro” (PESSOA, 1968, p. 1644 *apud* GOMES.; GUARANHA, 2019, p. 13-14).

Dessa perspectiva nota-se como o artigo introduz o modo de ser simples, natural e espontâneo de Alberto Caieiro como um sentido e personalização do homem, expressão da própria consciência.

Mestre Caieiro pertence ao espaço da natureza, anterior à visão entre o ser e as coisas, como espaço vivo e original de integração com a natureza definindo-se uma relação que envolve uma identidade própria entre o mundo interior e o exterior.

A realidade imediata que se impõe na visão de Pessoa, que se orienta por uma contextualizada na decadentista do século XIX, uma civilização em crise. A trajetória do homem diante do movimento modernista ao qual Pessoa se filia, já antevia a desencanto do homem com a ciência do progresso. Nessa direção este artigo segue para o entendimento da visão diversificada de Pessoa no cenário linear e positivista, liderado por A. Comte.

Nessa contextualização o artigo enfoca os heterônimos construídos por Fernando Pessoa concentrando-se aspectos filológicos da obra de Caieiro, em suas dimensões divinas e míticas.

Efetua-se um estudo do poeta-filósofo diante de suas sensações que traduzem um universo simbólico que não forma um objeto em si mesmo. A realidade de origem inconsciente, é expressiva das percepções sensoriais, dos sentidos originais onde a visão concreta se dirige a sua origem vendo-se as coisas novamente pela primeira vez, olhar ao seu redor como se nunca tivesse visto, “o mundo como uma eterna novidade” (CARNEIRO, 2011, p. 11).

## A RELAÇÃO DE FERNANDO PESSOA COM A LITERATURA

Fernando Pessoa já produzia, aos 13 anos, seus primeiros poemas em inglês, devido sua formação em Durban, na África do Sul. Após retornar para Portugal, em 1902, Pessoa ingressa na Faculdade de Letras de Lisboa abandonando o curso antes de concluir. Em 1915, já escrevendo na sua língua materna, funda a Revista Orpheu que é encerrada após 2 edições, sendo o marco precursor do Modernismo Português e destacando o nome de Pessoa no contexto social. Após o fim da revista Orpheu, Fernando Pessoa cria a Editora Olisipo, em 1921. No ano seguinte, colabora com a fundação da Revista Contemporânea e a Revista Athena.

Após esses acontecimentos, somente em 1934 que Pessoa publica seu livro como ortônimo, a obra Mensagem. Com ela, concorre ao prêmio Antero de Quental promovido pelo próprio governo do Estado Novo de Portugal, ganhando o segundo lugar. Em 1935, mais exatamente no dia 30 de novembro, no Hospital de São Luís, em Lisboa, morre Fernando Pessoa por crise hepática, provavelmente provocada pelo excesso de bebidas alcoólicas que Pessoa consumiu durante toda sua vida.

A relação que Pessoa tinha com a Literatura era extremamente frequente, não ficando períodos consideráveis sem trabalhar com a produção, publicação, tradução ou desenvolvimento de obras literárias. Sua capacidade imaginativa era tão impressionante quanto sua disposição para escrever as obras, criando heterônimos em curtos períodos, escrevendo obras em inglês e português, abordando os mais diversos assuntos e temas sob diferentes personalidades com diferentes vivências. Era como se Pessoa conseguisse “outrar-se” em multipersonalidades, sendo somente um único homem.

O processo de criação de Fernando Pessoa (1888-1935), centraliza na construção heteronímica que se destaca nas figuras de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, introdu-

zindo um sentido de modernidade, projetando-se na história da literatura portuguesa. As expressões dinâmicas da cultura originam-se mediante uma dialética entre o real e o irreal onde é assinalada a consciência como um objeto em si mesmo, onde “é, essencialmente o Sujeito Puro” (PESSOA, 1968, p. 164 *apud* GOMES; GUARANHA, 2019, p. 13-14). Um poeta imaginativo, elabora sua obra em coexistência consigo mesmo pelos sentimentos vivenciados.

Dessa perspectiva o artigo introduz o modo de ser simples, natural e espontâneo de Alberto Caeiro como um sentido e personalização do homem, expressão da própria consciência. Mestre Caeiro pertence ao espaço da natureza, anterior à visão entre o ser e as coisas. Como espaço vivo e original de integração define-se uma relação que envolve uma identidade própria entre o mundo interior e o exterior.

### **PROCESSO HETERONÍMICO DE FERNANDO PESSOA**

O processo heteronímico de Pessoa revela uma “escrita deliberadamente diversa, conscientemente diferenciada, com maneiras de ver e estilos literários próprios a cada diferenciação e essa diferenciação assumida por nomes” (GALHOZ, 1985, p. 21 *apud* AGUIAR C.; AGUIAR 2017, p. 165). Dentre todos os heterônimos criados por Fernando Pessoa, três deles foram mais elaborados e desenvolvidos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Cada um destes possui uma data de nascimento, falecimento, biografia, profissões e, além do mais, mapa astral:

[A] heteronímia não se restringe aos três heterônimos (principais) e ao assim chamado ortônimo [o próprio Fernando Pessoa]. Ela desdobra-se também na abundância de heterônimos considerados “menores”: os semiheterônimos, os sub-heterônimos, os pré-heterônimos, os ‘quase’-heterônimos, os para-heterônimos e os proto-heterônimos,

etc. [...]. Pessoa mesmo chega a fazer esta distinção, porém também fala de “personalidades literárias”. A distinção parece ter a função de assinalar que Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos têm mais autonomia e são mais completos e mais criadores. (MICHAEL, 2014, p. 161-162).

O fenômeno da heteronímia, muito bem-visto e utilizado por Fernando Pessoa, é distinto do conceito de pseudônimo pelo fato deste não incorporar uma personalidade que diverge e independe da personalidade do autor. Moisés afirma:

[O] “heterônimo” é um nome falso ou fictício, adotado não para encobrir a identidade do autor (como acontece com o “pseudônimo”), mas para expressar uma identidade ou personalidade imaginária, diferente da do autor (MOISÉS, 2007, p. 7).

É o dom de “outrar-se”, “a capacidade de despessoalização do artista através de seu fingimento poético” (AGUIAR, C., AGUIAR, T., 2017, p. 164). Não se limita somente em alterar o nome e manter o estilo de escrita, os pensamentos e as características literárias, mas sim em despessoalizar-se por completo, ao ponto de publicar em uma mesma revista dois artigos diferentes e quem os lê, acreditar que são autores divergentes.

Sobre Ricardo Reis, Pessoa afirma: “O Dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de janeiro de 1914 [...]” (PESSOA, 1968). O motivo de sua criação surgiu de uma conversa que Pessoa estava ouvindo, no dia anterior, sobre os excessos na realização da arte moderna da época. Após refletir, Pessoa criou uma linha de pensamento “neoclássica científica”, surgindo assim a figura de Ricardo Reis e suas ideologias. Nascido em Porto, Portugal, no ano de 1887, Reis possuía ensino superior, se formou em medicina e possui uma filosofia singular em comparação aos outros heterônimos, seguindo o epicurismo e temáticas pagãs.

Álvaro de Campos, por outro lado, é o heterônimo mais conhecido e o que mais se assemelha ao seu ortônimo, Fernando Pessoa. Sua obra possui uma temática marcada muito expressivamente pelo subjetivismo. Campos ainda teve alguns de seus poemas publicados nas revistas Orpheu e Contemporânea. Sobre sua criação, pode-se afirmar:

Álvaro de Campos surge em 1914, segundo explica Fernando Pessoa, em carta a Adolfo Casais Monteiro, [...] nascia Álvaro de Campos, com o poema O Triunfal, escrito “num jato, e à 59 máquina de escrever, sem interrupção nem emenda (PAZ *apud* SILVA, 2016, p. 59-60).

Em contrapartida, Alberto Caeiro, não possui ensino superior, cursou somente até o 4º colegial. Nasceu em Lisboa, no ano de 1889. Era órfão de pai e de mãe, viveu sua vida toda no campo e morreu jovem, com 26 anos, por tuberculose, em 1915. Sua obra com maior notoriedade é O Guardador de Rebanhos, composta por 49 poemas. Sua escrita era simples, de fácil entendimento. Suas temáticas eram ligadas ao campo, com elementos da natureza como pedras, plantas, árvores, flores etc. Sobre sua personalidade, podemos notar alguns pontos, conforme observa Moisés:

Ao mesmo tempo que vai descrevendo a paisagem que o rodeia, ele expõe também o seu modo de ser – simples, natural e espontâneo –, o modo de ser de quem se limita a olhar para as coisas e só acredita nas sensações imediatas, não nos pensamentos: “Pensar é estar doente dos olhos”, ele adverte, logo no segundo poema (MOISÉS, 2007, p. 17).

É justamente por isso que Caeiro é considerado o mestre pelos outros heterônimos e pelo próprio Fernando Pessoa. Ele ensina que não pensar, às vezes, é melhor do que pensar



demais, que apenas sentir é melhor do que questionar, que apenas aceitar tudo como é simplesmente por ser assim é melhor do que viver se perguntando. Para Caeiro, tudo acontece justamente porque era para acontecer, e se for necessário que aconteça, então que assim seja.

Além desses pontos, sua forma de escrever simples, fácil, sem um vocabulário difícil de entender transmitia em suas obras certa calma, tranquilidade, simplicidade e poderiam ser lidos por qualquer pessoa. Afinal, como um poeta com a escrita e características tão simples poderia ser considerado como “mestre” por seu ortônimo e outros heterônimos?

A heteronímia descrita é compreendida abrangendo os estágios da história da Humanidade na concepção de Augusto Comte. Um conhecimento amplo, total da realidade, origina-se uma síntese perfeita da figura humana seguindo uma dimensão universal e cósmica da História. Alberto Caeiro representaria o poeta que vive, ou finge que vive em um tempo anterior ao surgimento do *lógos* sendo a linguagem distante da imagística e da metafísica. Compreende-se, conforme A. Comte, o estágio animista. Este se distancia do estágio metafísico, o qual se apoia em figurações explicativas pela invenção dos deuses, o pensamento regido pela razão primeira dos fenômenos. Reflete-se sobre o mundo e o homem em situação de equilíbrio, de passagem do “pensamento concreto” para o “pensamento abstrato”. Esta é a compreensão de Álvaro de Campos:

O mundo e o homem, com vistas a encontrar um equilíbrio ideal entre ambos. Embora saiba que a Ciência Humana é falha, não deixa de utilizá-la para encontrar seu lugar na Natureza (GOMES, 1987, p. 8).

A cisão entre o ser e o mundo origina-se neste poeta como um poeta da revolta. Emerge uma modernidade em crise em que a poesia se revela pela presença ostensiva da modernidade

ocidental. A perda de unidade retrata-se pela crise dos valores sendo também expressiva do próprio eu como o indivíduo, indivisível e seu isolamento no pensamento total e contínuo em direção a contemporaneidade crítica (GOMES, 1987, p. 9-11).

### **A FILOSOFIA DE ALBERTO CAEIRO**

Um dos temas mais retratados em Caieiro, na sua obra *O Guardador de Rebanhos* (1925), diz respeito a sua vida no campo e os diversos elementos da natureza que Caieiro observa na sua rotina. Segundo sua biografia, Alberto Caieiro passou sua vida inteira no campo e não possui o mesmo grau de escolaridade e nem o mesmo nível cultural que outro indivíduo “civilizado” como Álvaro de Campos ou Ricardo Reis, por exemplo. Seus pensamentos, observações e análises, demonstram pensamentos que primeiramente aparentam ser simples, observações que qualquer indivíduo seria capaz de realizar, mas demonstram uma análise profunda em seu princípio. O que os poemas de Caieiro guardavam dentro de sua essência eram um sentido filosófico bem mais profundo do que poderíamos observar lendo superficialmente. E isso acontece porque após a primeira leitura na camada mais superficial, tendemos a acreditar que não existe mais nada para acrescentar aquela leitura, quando nos revela ser bem mais profundo do que uma mera superfície. Como Caieiro consegue transmitir, em suas obras, tamanha simplicidade com pensamentos de origem filosófica sem ser portador de uma vasta base teórica?

Conforme às afirmações de Moisés:

Caieiro não se limita a olhar para as coisas e, muito menos, a valer-se apenas dos sentidos. Na verdade, ele está o tempo todo pensando, raciocinando, refletindo. Todos os seus poemas, sem exceção, dão mostras de uma intensa atividade mental, de onde vai brotando, sem cessar, um pensamento altamente elaborado – um pensamento com

base no qual ele afirma apenas olhar para as coisas (MOISÉS, 2007, p. 22).

Caeiro, essencialmente, é um poeta e filósofo que baseia seu pensamento nos sentidos do mundo sensível, não na razão e menos ainda nas análises. O que podemos perceber em suas obras, entretanto, é que mesmo sem se desdobrar sobre seus sentidos, Caeiro tem consciência de que aquilo que ele vê e sente é real, justamente por ele conseguir ver e sentir: “*Sei que a pedra é real, e que a planta existe. / [...] Sei isto porque os meus sentidos mo mostram*”, trazendo o princípio de que tudo existe e é real somente pelo fato dos sentidos de o homem poderem provar ao homem que é real. Se não é possível sentir, ver, ouvir, provar ou tocar, simplesmente não existe. Na Antiguidade, Platão, acreditava que havia uma separação entre o mundo sensível e o mundo inteligível, por outro lado, podemos considerar Caeiro um poeta-filósofo com princípios aristotélicos, por crer que a essência de tudo está presente no próprio objeto, no mundo sensível, e tudo de fato existe por seus sentidos o mostrarem. Caeiro poderia revelar-se poeta com premissas ateístas, já que seus sentidos não seriam capazes de provar que Deus existe? Não necessariamente.

Em alguns versos do poema V, Caeiro diz: “*Não acredito em Deus porque nunca o vi. / Se ele quisesse que eu acreditasse nele, / Sem dúvida que viria falar comigo*”, e sucessivamente destaca:

Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e o sol e o luar,  
Então acredito nele,  
Então acredito nele a toda a hora [...]  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 40).

Se Deus, sendo ele o criador de tudo na natureza, tudo que não foi criado pelo homem, Caeiro pode provar com seus

sentidos que Deus existe porque ele vê as flores, as árvores, o sol e o luar, acreditando em Deus como tudo que ele acredita ser real na natureza. No poema VI, Caeiro sucede:

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,  
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,  
Por isso se nos não mostrou...  
Sejamos simples e calmos,  
Como os regatos e as árvores,  
[...]  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 42).

Além de crer em Deus e ter como provar que Deus existe, mesmo que para si mesmo, Caeiro afirma que “pensar em Deus é desobedecer a Deus”. Pensando em Deus, teremos que submeter Deus a nossas interpretações, moldando-o a partir do nosso entendimento. A partir daí, Deus deixaria de ser Deus para ser o que quiséssemos. Caeiro, então, continua:

[...]  
E Deus amar-nos-á fazendo de nós  
Belos como as árvores são árvores  
E como os regatos são regatos,  
E dar-nos-á verdor na sua primavera,  
E um rio aonde ir ter quando acabemos...  
E não nos dará mais nada, porque  
dar-nos mais seria tirar-nos mais  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 42).

Nesse trecho, Caeiro demonstra como Deus nos fez como fez a natureza, com uma beleza própria, um sentido próprio, algo que não deve ser questionado. Se faz parte da obra divina, deve ser apenas apreciado como parte da natureza.

No poema LXV, por outro lado, Caeiro não trata de Deus, mas da morte. Em seus poucos versos, Caeiro destaca:

Medo da morte?  
Acordarei de outra maneira,  
Talvez corpo, talvez continuidade, talvez  
renovado, Mas acordarei.  
Se até os átomos não dormem, por que  
hei de ser eu só a dormir?  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 118).

Para Caeiro, a morte é apenas um processo natural, do qual não faz sentido sentir medo. Quando ele diz: “Acordarei de outra maneira”, a ideia que sobrepõe o medo da morte é o conforto que, de alguma forma, ele irá acordar outra vez. Podemos até pensar se Caeiro acredita em algum princípio ou perspectiva de vida após a morte ou mundo inteligível ou reencarnação, algo que em teoria Caeiro não poderia provar que é real, mas em seguida, Caeiro diz: “Se até os átomos não dormem, por que hei de ser eu só a dormir?”, fazendo referência, talvez, a transformação que os átomos sofrem ao ocorrer qualquer alteração em sua carga, onde não haveria uma morte, mas sim uma transformação em nosso corpo. Esse tipo de transformação faria sentido, já que a decomposição é algo que Caeiro poderia provar que é real, sendo a morte apenas um processo natural e não espiritual. Mas, se a morte não faz parte de um processo espiritual, Caeiro acredita que sua alma é real? Ele pode provar assim como prova que Deus é real?

No poema XLVI, ele diz sobre a realidade nos seguintes versos:

Seja o que for que esteja no centro do mundo,  
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,  
E quando digo “isto é real”, mesmo de um sentimento,  
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,  
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim [...]  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 108).

Como já dito anteriormente Caeiro só constata algo como real ou irreal se seus sentidos o confirmarem, de alguma forma. E para que haja essa confirmação sensorial, não é possível realizar essa análise de forma subjetiva, metafísica ou do interior do poeta, caso contrário estaria sendo usado a razão e não seus sentidos, portanto essa constatação precisa ser objetiva, física e vindo do exterior do poeta. Como, então, um sentimento ou emoção poderia se provar real para Caeiro? Para isso, Caeiro externaliza esse sentimento e o vê “em um espaço qualquer exterior”, ou seja, Caeiro não consegue provar ser real o que ele sente, senão para ele mesmo, por não ser algo que seus sentidos o mostram, mas algo que somente ele sente. Caeiro segue:

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.  
Da minha pessoa de dentro não  
tenho noção de realidade.  
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo.  
Estou mais certo da existência da minha casa branca  
Do que da existência interior do dono da casa branca.  
[...]  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 109).

Ser real, então, não pode estar dentro de Caeiro, mas fora. Seus sentidos são precisos, objetivos, exatos: ou algo é real, ou não é real. Portanto, Caeiro consegue afirmar com mais precisão sobre a “casa branca” dele que a “existência interior do dono da casa branca”. Sendo assim, Caeiro que provou acreditar em Deus, crê na alma também?

Creio mais no meu corpo do que na minha alma,  
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade,  
Podendo ser visto por outros,  
Podendo tocar em outros,  
Podendo sentar-se e estar de pé,

Mas a minha alma só pode ser  
definida por termos de fora.  
Existe para mim – nos momentos  
em que julgo que efetivamente existe –  
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 109).

Por não conseguir provar, ao contrário de tudo que está no mundo sensível, Caeiro julga que sua alma existe, mas apenas em alguns momentos. Seu corpo que pode ser visto, tocar e interagir com o ambiente é real, assim como tudo que interage com seu corpo, mas sua alma não pode interagir com nada além do próprio Caeiro. No poema I, por exemplo, Caeiro diz:

Mas a minha tristeza é sossego  
Porque é natural e justa  
E é o que deve estar na alma  
[...]  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 35).

Sua “tristeza é sossego” por ser “natural e justa”, e “é o que deve estar na alma”, tornando a alma um espaço interno de Caeiro que armazena seus sentimentos. Portanto, Caeiro crê que sua alma seja real, mas possui mais certeza sobre seu corpo do que sua alma, por não poder provar e interagir com o ambiente, apenas consigo mesmo. Diante de todo este panorama, poderia assim um poeta que odeia pensar chegar nestas conclusões e apenas observando a natureza?

Caeiro diz em seu poema I: “Pensar incomoda como andar à chuva” (PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 35), e continua esse pensamento em seu poema XXXIV:

Acho tão natural que não se pense  
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,  
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa  
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?  
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim  
A perguntar-me cousas...  
E então desagrado-me, e incomodo-me  
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?  
Nada pensa nada.  
Terá a terra consciência das pedras  
e plantas que tem?  
Se ela tivesse, seria gente;  
E se fosse gente, teria feitio de  
gente, não era a terra. Mas que  
me importa isso a mim?  
Se eu pensasse nessas cousas,  
Deixava de ver as árvores e as plantas  
E deixava de ver a Terra,  
Para ver só os meus pensamentos...  
Entristecia e ficava às escuras.  
E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 63).

Pensar, para Caeiro, possui uma certa singularidade. Até aqui, foram notados conceitos como a morte, Deus, alma, sentimentos, realidade, mas pensar demais o incomoda. Para chegar em todas as conclusões antes analisadas, não foi preciso pensar?

Caeiro sempre pensou em suas obras, mesmo que o fizesse de forma involuntária. Seus pensamentos demonstram, mesmo que somente através da observação, uma base filosófica im-



pressionante, com a realidade podendo se provar real somente através dos sentidos, portanto tendo que estar no mundo físico. Com tudo que já foi mostrado, não podemos dizer que Alberto Caeiro não pensa, mas sim que apenas não se aprofundou naquele pensamento, e isso porque Caeiro não quer que o seja feito. Se “pensar incomoda como andar à chuva”, para que pensar ainda mais?

Além de ter o princípio de que pensar é algo que causa incômodo, também podemos notar em Caeiro que o ato de pensar o cegaria de ver as coisas como são, para ver somente seus pensamentos. Tudo deixaria de ser o que é para ser apenas o que Caeiro pensaria que fossem submetendo os objetos da natureza à interpretação, e não aos seus sentidos, entrando no âmbito do subjetivo de notar o mundo. A partir daí, não seria mais possível provar através dos sentidos que tudo em seu ambiente era real, já que seus sentidos seriam submetidos à razão, ao seu pensamento. Portanto, seus sentidos devem sempre sobrepor seus pensamentos.

Caeiro destaca isso ao dizer que “pensar é estar doente dos olhos” (PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 37). E em seguida, continua:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe por que ama, nem o que é amar,  
Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência é não pensar...  
(PESSOA *apud* MOISÉS, 2007, p. 37).

Para amar, por exemplo, não é preciso pensar e nem saber o porquê ama, ou quem ou o que ama, Caeiro apenas ama e justamente por isso que ele consegue amar. Se amar “é a eterna

inocência”, então é preciso deixar de pensar, deixar de buscar a razão no amor para sentir amor, afinal “a única inocência é não pensar”.

A Natureza como um palco revelador da alma humana, uma verdade absoluta se desvenda para uma comprovação sem os problemas que o pensamento possa criar. As coisas irrompem no mundo pessoal, sem que ideias prévias pudessem ofuscar os objetos presentes na natureza. Considera-se a presença de “argumentos contra diversos aspectos da filosofia, que acabam por tecer eles próprios uma forma de filosofia” (CARNEIRO, 2011, p. 2). Assim, “Caeiro é, em filosofia, o que ninguém foi: um objetivista absoluto” (CARNEIRO, 2011, p. 5 *apud* PESSOA, 2003, p. 57). Uma filosofia para a vida origina-se como uma “anti-filosofia” para o ser: “O poeta cumpre a vontade da Natureza, como se ela exigisse do homem para que se fizesse luz nela, pois ela exige o homem que fala, e a primeira palavra, que é a poesia” (GOMES, 1987, p. 25).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo criativo de Fernando Pessoa revelou-se mediante uma concepção polêmica vivenciada por um homem do século XX, sob as influências da modernidade e a visão decadentista do conhecimento universalista e científica, que era predominante no mundo cultural. O Ser-Natureza, expõe-se de forma refratária à certeza no caráter objetivo da percepção onde “o homem mentalmente não está certo de nada” (PESSOA, 1968, p. 246).

O diálogo que se originou, materializou-se poeticamente em uma dimensão filosófica que segue distante do contexto histórico predominante da época, sob a ascensão da burguesia e cultura ocidental. O olhar sob a consciência, como dimensão de si mesmo, instante mágico do processo civilizatório, possibilitou os entendimentos de Caeiro como um “mestre dos mestres”, capaz de um ato de nomeação próprio da percepção objetivado como absoluto na ruptura entre o ser e o mundo, longe de uma razão primeira dos fenômenos (GOMES; GUARANHA, 2019, p. 14-15).

Assim, Fernando Pessoa e todos seus heterônimos foram fundamentalmente importantes para o desenvolvimento da literatura modernista e todo o vasto conteúdo que temos acesso hoje. Suas obras, seus heterônimos e toda sua relação com a literatura demonstrou mostrou o quão grandioso é seu potencial imaginativo, ainda mais quando nos aprofundamos em Alberto Caeiro. Recria-se um preenchimento do mundo por meio de sonhos, “não ser nada”, o fantasma de alguém, ninguém (GOMES; GUARANHA, 2019, p. 17).

Alberto Caeiro, igualmente como Fernando Pessoa, possui um vasto potencial, mesmo se analisado separadamente da obra de Pessoa, como um poeta filósofo. É possível extrair diversos conceitos com bases em análises, mesmo que Caeiro diga que “pensar incomoda”. Em sua obra, mesmo que simples de ser lida, nos possibilita entender a personalidade poética, como era sua forma de pensar e como se destacava mestre desde o momento em que Pessoa a criou.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fabrício César de; AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. **Aspectos do sistema heteronímico de Fernando Pessoa**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 55, dezembro de 2017, pp. 164-182.

CARNEIRO, Carlos Miguel Filipe. **Alberto Caeiro e a Fenomenologia**. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova Lisboa, julho 2011.

COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive**. 5 ed. identique à la première. Paris: Libraire C. Reinwald, 1970.

GOMES, Álvaro Cardoso Gomes. **Fernando Pessoa: as muitas águas de um rio**. São Paulo: Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

GOMES, Álvaro Cardoso; GUARANHA, Manoel Francisco. O processo criativo de Fernando Pessoa: o diálogo com o positivismo. **Letras de Hoje** – estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa, v. 54, n. 1, p. 10-18, jan.-marc. 2019.

MICHAEL, Joachim. A Heteronímia de Fernando Pessoa: Literatura Plurilíngue e Translacional. **Cadernos de Tradução**, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp160>. Acesso em: 21 nov. 2021,

MOISÉS, Carlos Felipe. **Fernando Pessoa: Poemas completos de Alberto Caeiro** Antologia. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PAIS, Amélia Pinto. **Para compreender Fernando Pessoa: uma aproximação a Fernando Pessoa e heterónimos**. São Paulo. Editora Claro Enigma, 2012.

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanhos (1914) (Poemas de Alberto Caeiro)**, vol. III, Lisboa: Ática, 1968.

\_\_\_\_\_. **Prosa, Ricardo Reis**. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

\_\_\_\_\_. **Odes de Ricardo Reis**. Edição Revisada. [s.l.]: Edições Vercial, 2017.

SILVA, Marcelo Brito da. Álvaro de Campos e a experiência da modernidade. **Revista Ininga**. Teresina, PI, v. 3, n. 2, p. 55-65, jul./dez. 2016.

SOUZA, Moises Donizete de. BORGES, Bento. **Fernando Pessoa: Vida, Obra e Heteronomia. Repositório Fucamp**. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/bitstream/FUCAMP/237/1/Fernandopessoaavida.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.